Lubbock, John. *The origin of civilisation and the primitive condition of man. Mental and social conditions of savages*. 4ª edição. Londres, 1882. pp. v-viii e 1-5.

PREFÁCIO

Em meu trabalho sobre os "Tempos Pré-históricos"[1], dediquei vários capítulos à descrição dos selvagens modernos, porque as armas e implementos hoje usados pelas raças inferiores dos homens lançam muita luz sobre o significado e uso daqueles descobertos em túmulos antigos, ou nos depósitos de cascalho; e porque um conhecimento dos selvagens modernos e dos seus modos de vida nos capacita a imaginar com maior clareza, e conceber de modo mais vívido, as maneiras e costumes de nossos ancestrais em épocas passadas.

No presente volume, que se baseia numa sequência de palestras dadas na Royal Institution na primavera de 1868, proponho descrever de modo mais particular a condição social e mental dos selvagens, sua arte, seus sistemas de casamento e relação, suas religiões, linguagem, caráter moral, e leis. Subsequentemente, espero publicar aquelas porções de minhas palestras referentes às suas casas, vestimentas, embarcações, armas, implementos, etc. Por conta da própria natureza dos assuntos tratados no presente volume, terei de registrar muitas ações e ideias bastante abomináveis para nós; tantas, com efeito, que, se passo por elas sem comentário ou condenação, é porque reluto em fatigar ao leitor com uma reprovação cansativamente reiterada. Nos capítulos sobre casamento e religião, mais especialmente, ainda que eu tenha evitado qualquer coisa que fosse desnecessariamente ofensivo, era impossível não mencionar alguns fatos que são bastante repugnantes para os nossos sentidos. Entretanto, caso eu expressasse meus sentimentos em alguns casos, o silêncio em outros poderia implicar indiferença, se não aprovação.

Montesquieu começa com um pedido de desculpas aquela porção de seu grande trabalho que é dedicada à Religião. Como, diz ele, "pode-se julgar entre as trevas aquelas que são menos espessas. E entre os abismos aqueles que são menos profundos; assim também podemos buscar entre as religiões falsas aquelas que são as mais conformes ao bem da sociedade; aquelas que, embora não tenham o efeito de levar os homens às alegrias da outra vida, podem melhor contribuir para sua felicidade nesta aqui. Não examinarei, pois, as diversas religiões do mundo senão em relação ao bem que delas se tira no estado civil, seja tratando-se daquela que tem sua raiz no céu, ou então daquelas que tem a sua sobre a terra."[2] A dificuldade que senti tomou uma forma diferente,

1 Eis o título completo: "Os tempos pré-históricos, tais como ilustrados por detritos antigos e pelas maneiras e costumes dos selvagens modernos", publicado em 1865. Lubbock assumiria em 1900 o título de Lord Avebury, após ter comprado boa parte da terra de Avebury, numa tentativa de preservar o círculo megalítico que ali se encontra (semelhante ao Stonehenge, que se localiza na mesma região, um pouco mais ao sul), então ameaçado pela construção de residências pela população do vilarejo, que se encontrava em expansão. Trata-se, portanto, do autor mencionado por Frazer em sua palestra sobre "O Escopo da Antropologia Social" (página 103 da edição de Celso Castro), ao lado de Tylor e de um certo Francis Galton.

2 Em francês no original. A referência é ao Livro XXIV do *Espírito das Leis* (1748).

mas julgo necessário dizer essas poucas palavras como explicação, sem o que correria o risco de suporem que aprove aquilo que não condeno expressamente.

Klemm, na sua "Allgemeine Culturgeschichte der Menschen"[3], e recentemente o Sr. Wood, de modo mais popular ("História Natural do Homem"), descreveram de modo consecutivo as várias raças do homem; é um sistema que tem suas vantagens, mas que não evidencia bem os estágios gerais do pregresso na civilização.

Vários outros trabalhos, dentre os quais devo mencionar a "Geschichte der Americanen Urreligionen" de Müller[4], "Casamento Primitivo" de McLennan, e "Das Mutterrecht" de Bachofen, lidam com porções particulares do assunto. O interessante trabalho de Maine sobre o "Direito Antigo", novamente, toma o homem em um estágio mais avançado do que aquele que é o assunto especial de meu trabalho.

O plano seguido por Tylor em seu trabalho notável sobre a "História Inicial da Humanidade"[5] se assemelha mais àquele que esbocei para mim mesmo, mas trata-se de um assunto que duas mentes jamais poderiam enxergar da mesma maneira, e é tão vasto que estou seguro de que meu amigo não há de julgar que estou invadindo um terreno que ele muito fez para tornar seu[6].

Nem devo deixar de mencionar a "História do Homem" de Lord Kames e o "Espírito das Leis" de Montesquieu, ambos trabalhos de grande interesse, mesmo se escritos em um tempo no qual nosso conhecimento das raças selvagens era ainda mais imperfeito do que é agora.

Contudo, o material para tal tipo de trabalho é atualmente imenso, e está crescendo diariamente. Aqueles que se interessam pelo assunto se tornam a cada ano mais e mais numerosos; e, se nenhum de meus leitores pode estar mais sensível às minhas deficiências do que eu mesmo, ainda assim, depois de dez anos de estudo, estive ansioso por publicar esta porção de meu trabalho, na esperança de que possa contribuir algo para o progresso de uma ciência que é em si do maior interesse, e que tem uma importância peculiar para um império como o nosso, que compreende raças em todo estágio da civilização já atingido pelo homem.

High Elms, Down, Kent:
Fevereiro de 1870

3 "História Cultural Geral do Homem" ou "História Geral da Cultura do Homem".

4 "História das Proto-Religiões Americanas".

5 Trata-se de *Researches into the Early History of Man*, de 1865. Poder-se-ia igualmente traduzir *early* por "antigo", mas com isso se apagaria a diferença que há entre este termo e o *ancient* do "Direito Antigo" de Maine. Neste como em outros casos, o primeiro termo (*early*) tende a enfatizar o frescor e a inocência de um início, enquanto o segundo (*ancient*) parece enfatizar, seja a autoridade, seja o desgaste, do mais velho Juventude e velhice, portanto, de uma mesma humanidade primeva.

6 Frase um tanto irônica, considerando o que o próprio Lubbock efetivamente fez para "tornar seu", literalmente, o "terreno" de Avebury, cujo nome adotou (ver acima, nota 1).

Capítulo I. Introdução

O estudo das raças inferiores dos homens, para além da importância direta que possui num império como o nosso, possui grande interesse sob três pontos de vista. Em primeiro lugar, a condição e os hábitos de selvagens atualmente existentes se assemelham, de vários modos, mas não em todos, àqueles dos nossos próprios ancestrais num estado há muito já passado; em segundo lugar, eles ilustram muito do que se passa entre nós – diversos costumes que evidentemente não tem nenhuma relação com as circunstâncias atuais, e algumas ideias que estão enraizadas em nossas mentes, da mesma maneira que os fósseis estão enterrados no solo; enquanto que, em terceiro lugar, podemos, através deles, até mesmo penetrar em parte daquela neblina que separa o presente do futuro.

Na verdade, as raças inferiores dos homens em várias partes do mundo nos apresentam ilustrações de uma condição social mais rude, e mais arcaica, do que qualquer uma que a história registre como tendo jamais existido entre as raças mais avançadas. Mesmo entre povos civilizados, no entanto, encontramos traços de um antigo barbarismo. Não só a linguagem é muito instrutiva, a esse respeito; mas leis e costumes frequentemente possuem uma origem muito antiga, e contêm símbolos que são relíquias de antigas realidades. Assim, por exemplo, o uso de facas de pedra em certas cerimônias egípcias aponta para um tempo em que aquele povo habitualmente usava utensílios de pedra. Também a forma do casamento por *coemptio* [espécie de compra simbólica] entre os romanos indica um período em sua história no qual eles habitualmente compravam esposas, tal como tantas tribos selvagens o fazem hoje. Assim também, a forma de captura nos casamentos só pode ser explicada pela hipótese de que a captura de esposas foi em algum momento uma dura realidade. Em casos como esses, a sequência é obvia. O uso de facas de pedra em certas cerimônias é evidentemente um caso de sobrevivência [*survival*], não de invenção; e do mesmo modo a forma de captura nos casamentos poderia naturalmente sobreviver à realidade efetiva, ao passo que não podemos supor que a realidade pudesse emergir do símbolo.

Não se deve presumir, porém, que a condição do homem primitivo se encontre corretamente representada por até mesmo as mais baixas das raças atualmente existentes. O próprio fato de que estas últimas se mantiveram estacionárias, que suas maneiras, hábitos, e modo de vida tem continuado quase inalterados durante gerações, criou um severo, e frequentemente complicado, sistema de costumes, do qual aquela primeira estava necessariamente livre, mas que, em alguns casos, gradualmente adquiriu ainda mais do que uma força de lei. Por isso, para chegar a uma ideia clara dessa condição primitiva da raça humana, devemos eliminar esses costumes da nossa concepção de tal condição; e o melhor modo para fazermos isso é através de uma comparação de tribos selvagens pertencentes a diferentes famílias da raça humana.

Ainda que diferenças de raça, de posição geográfica, e de ambiente geral, tenham necessariamente levado a divergências consideráveis no desenvolvimento social e mental de diferentes tribos, busquei mostrar que, na maior parte, o desenvolvimento de ideias melhores e mais elevadas a respeito do Casamento, das Relações [*relationships*], do Direito [*law*], da Religião etc. seguiu, nos primeiros estágios, um caminho muito semelhante até mesmo nas mais distintas raças do homem; e quando vemos costumes e ideias que, para nós, parecem absurdos ou ilógicos reaparecerem em famílias da humanidade separadas entre si, no mesmo estágio de desenvolvimento, podemos concluir com segurança que, por mais absurdos que possam parecer para nós, eles se apoiam em algo que, em algum momento, pareceu suficiente, e não são acidentes insignificantes ou destituídos de sentido. Alguns autores têm dito que os selvagens são meros descendentes degenerados de ancestrais mais civilizados, e estou longe de negar que há casos de regressão. Mas, em primeiro lugar, uma tribo que caiu no barbarismo vindo da civilização de modo algum exibiria as mesmas características que uma que tivesse subido ao barbarismo vindo da selvageria. E, o que é ainda mais importante, raças que recaem da civilização diminuem em número. Toda a história do homem mostra como as mais fortes e progressivas proliferam, e afastam as raças mais fracas e mais baixas. Busquei, por exemplo, mostrar que as ideias prevalecentes entre as raças menos avançadas a respeito das relações naturalmente emergiriam no curso do progresso, mas são inconsistentes com a teoria da degradação. Assim, novamente, um povo que se apoiasse na sorte não teria qualquer chance, na luta pela existência, contra um que acreditasse na lei: se encontramos uma crença no fetichismo entrelaçada com a religião até das raças mais avançadas, é porque essas raças foram Fetichistas antes de se tornarem Budistas, Maometanas, ou Cristãs. Uma tribo em que o sentimento de relação fosse fraco e mal definido estaria em grande desvantagem comparada a uma em que o sentimento familiar fosse forte. Assim, ainda que estejamos muito longe de ter alcançado tal resultado, creio que seria possível para nós imaginar-nos uma condição pela qual nossos ancestrais devem ter passado, em tempos pré-históricos – uma mais primitiva que qualquer outra de que tenhamos atualmente um verdadeiro exemplo.

Em todo caso, não se pode duvidar de que o estudo cuidadoso de maneiras e costumes, tradições e superstições, eventualmente há de resolver muitos problemas difíceis da Etnologia. Essa modalidade de pesquisa, no entanto, requer que se a use com grande cautela, e de fato levou a muitas conclusões equivocadas. Por exemplo, em mais de um caso, as raças selvagens foram vistas como descendentes das Dez Tribos [de Israel], porque seus costumes ofereciam alguns pontos particulares de semelhança com aqueles registrados no Pentateuco. Nesses casos, uma maior familiaridade com as maneiras e costumes das raças selvagens teria mostrado que essas coincidências, longe de ser, como se supunha, peculiares a essas tribos, eram, na verdade, comum a várias, se não a todas, das raças principais da humanidade. Muito estudo cuidadoso será necessário,

portanto, antes que esse tipo de evidência possa ser usado com segurança, embora eu duvide de que não venha, eventualmente, a ser considerado como muito instrutivo.

(...)